



RUPTURAS E RESISTÊNCIAS PARA UM ENSINO CONTEMPORÂNEO DA ARTE¹

RUPTURES AND RESISTANCES FOR A CONTEMPORARY TEACHING OF ART

Margarete Sacht Góes²

Resumo

O ensaio enfoca as principais discussões e reflexões advindas dos trabalhos apresentados no VII Colartes 2019, "Há um lugar para a Arte?", ocorrido na Universidade Federal do Espírito Santo. Considera as conceitualizações voltadas para a Arte Contemporânea a fim de pensar um ensino contemporâneo de arte, propugnando rupturas e resistências a partir do tempo da experiência para se pensar corpos, corporeidade, identidades, memória, micro e macropolíticas, os sistemas da arte e os tempos espaços escolares. Propõe um diálogo com autores como Archer (2001), Cocchiarale (2006), Canton (2009) e Hernandez (2007). Finaliza inferindo sobre a impossibilidade de não articulação das categorias arte e vida como uma proposição contemporânea de se pensar, fazer e viver a arte na sua complexidade e singularidade.

Abstract

The essay focuses on the main discussions and reflections arising from the work presented in the VII Colartes 2019, "Is there a place for Art?", held at the Federal University of Espírito Santo. It considers the conceptualizations focused on Contemporary Art in order to think a contemporary teaching of art, advocating ruptures and resistance from the time of experience to think bodies, corporeity, identities, memory, micro and macropolitics, the systems of art and times school spaces. It proposes a dialogue with authors such as Archer (2001), Cocchiarale (2006), Canton (2009) and Hernandez (2007). It concludes by inferring on the impossibility of not articulating the categories art and life as a contemporary proposition to think, make and live art in its complexity and uniqueness.

I. DA EXPERIÊNCIA

Habituada a um ensino da arte que traz em seu bojo a produção de objetos artísticos, a comunidade escolar (pais, crianças, professores) espera que, das aulas de arte, surja produto final, uma "obra de arte", ou quando muito, algo esteticamente aprazível aos olhos e de fácil entendimento.

¹ Versão em formato de ensaio da relatoria das apresentações da sessão de comunicação 2.5 – Educação, durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Margarete Sacht Góes é doutora em Educação, Mestre em Educação, Licenciada em Educação Artística e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Arte na Educação infantil (GEPAEI) e realiza pesquisas sobre o ensino da Arte para esse segmento da Educação Básica, contribuindo para a formação inicial e continuada de professores. Contato: magsacht@gmail.com.



No entanto, quando pensamos a arte contemporânea para um ensino contemporâneo da Arte, é preciso desmistificar ou melhor, desconstruir, romper com esses conceitos, pois nesse contexto, faz-se necessário falar de qualidade e não quantidade, de experiência e não de materialidade, de ativação dos corpos e não de corpos dóceis.

Archer (2001, p. 108) ao discorrer sobre as mudanças da arte contemporânea infere que “[...] Uma vez que a ênfase na arte começara a se deslocar do produto final para o processo de sua feitura, um reconhecimento da presença corporal do artista como fator crucial desse processo tornou-se quase inevitável”.

Essa inferência de Archer (2001) nos impulsiona a pensar em um ensino da arte que considera os diferentes e diversos corpos, bem como as suas experiências, e assim, acessarmos territórios reais, que corporificam os sujeitos e refletem para a concretude e a inconclusibilidade do ser humano, desconsiderando a noção de um sujeito universal, idealizado.

A necessidade de experienciar a Arte passa pelo conceito de Arte autorreferenciada, aquela que existe por si só e que não pode ser compreendida como produto, meio ou por seu caráter didático ou utilitário, e isso implica diretamente em uma postura de resistência por parte dos arte/educadores. Resistência essa que nos convoca a compreender os conceitos e ações educativas – dentre elas o conceito de experiência – que tangenciam as proposições da arte para a promoção de um ensino de arte contemporâneo.

Vigotski (2009), a partir da perspectiva histórico-cultural, também trata da importância da experiência para/nos processos criativos, ou melhor, para toda atividade criadora. Ele infere sobre a

[...] necessidade de alargarmos a experiência da criança se quisermos proporcionar à sua actividade criadora uma base suficientemente sólida. Quanto mais veja, escute, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais abundantes forem os elementos reais de que disponha, na sua experiência, tanto mais importante produtiva será, mantendo-se idênticas as restantes circunstâncias, a actividade de sua imaginação (VIGOTSKI, 2009, p. 18).

Defendemos, então, um ensino da arte contemporâneo a partir da perspectiva contemporânea de fazer arte, de viver a arte, aproximando arte e vida por meio da



experiência e da concretude da vida. Singular em suas colocações, Mônica Nador (CANTON, 2009a, p. 39) destaca que “[...] a arte não transforma as estruturas sociais; por outro lado, não posso fazer arte sem levar essas estruturas em consideração”. A inferência da autora nos coloca diante da impossibilidade de se desvincular Arte e Vida, os sujeitos e seus contextos socioculturais e a necessidade de compreendê-los a partir da perspectiva da alteridade e do tempo da experiência.

A invenção da experiência como modos de ser, estar e compreender o mundo nos coloca diante de nós mesmos, levando-nos a refletir sobre como a arte nos é cara e necessária, inclusive para os tempos difusos e sombrios como os que estamos vivendo. Tempos indigentes que nos levam a questionar sobre o que podemos esperar de um ensino contemporâneo da arte.

Nesse contexto, para fundamentar as reflexões realizadas durante uma das salas de comunicações do VII Colartes, buscaremos, a seguir, dialogar com diferentes autores que discutem temas importantes sobre o ensino da arte, destacando as diversas linguagens artísticas como produtoras de sentidos, ao possibilitarem diferentes modos de compreender, de ver, estar, interferir no mundo e, também, de compreender os sujeitos a partir de suas singularidades, de seus contextos e das estruturas sociais em que se encontram.

II. DA NECESSIDADE DE RUPTURAS E RESISTÊNCIAS PARA UM ENSINO CONTEMPORÂNEO DE ARTE

Salientamos que um ensino contemporâneo da arte rompe com relações hierárquicas e provoca um envolvimento subjetivo, inter-relacional, que aproxima os sujeitos e democratiza a arte. Além desses aspectos e a partir das reflexões de Ceribeli (2009), compreendemos que para a democratização do ensino da arte é preciso observar as diferenças e a diversidade dos sujeitos e levar em consideração a necessidade de inclusão, acessibilidade e permanência deles a partir de práticas pedagógicas inclusivas.

Na contemporaneidade lidamos com uma complexidade de fatores que muitas vezes impedem um ensino da arte que discuta e reflita sobre o seu próprio panorama no campo educacional, pois isso implica trazê-lo para territórios incertos, frágeis, quebradiços, que



consequentemente abarcam variadas temáticas e conceitos os quais com ela dialogam como a estética, a estesia, a técnica, o produto, a materialidade, o processo criativo e ainda, os sujeitos, suas identidades culturais, sociais, suas vidas. Esses sujeitos, em uma proposta contemporânea de ensinar e de aprender, ou melhor, experienciar arte, precisam ser considerados a partir de suas idiossincrasias. Todavia, estar em contato com a arte, experienciá-la, vivenciá-la, contribui para que crianças e jovens construam suas identidades em suas relações e contextos na sociedade na qual estão inseridos, fazendo que percebam as dimensões ética, social e afetiva, que envolvem os grupos humanos e sua constituição histórico cultural.

Nessa perspectiva, para Teixeira e Lemker (2019) torna-se fulcral incorporar aspectos da realidade cotidiana dentro da escola a partir das vivências e investigações sobre o mundo, criando proposições e possibilidades para que crianças e jovens possam experienciar, olhar e se ver no mundo, ou seja, fazer conexões entre a arte e suas vidas, seu cotidiano.

Nos meandros de um ensino da arte que se concebe como contemporâneo, faz-se necessário também levar em consideração a efemeridade das ações e do que se produz como arte, porque elas dialogam com a produção de artistas que se colocam como propositores ao se aproximarem mais, segundo Rocha, Souza e Martins (2019), das “ações e experiências do que dos produtos”.

Questões diversas perpassam por um ensino contemporâneo da arte, principalmente quando tratamos com o público infanto-juvenil, pois propostas como intervenção urbana, *video art*, performance, instalação, fotografia, arte sensorial, arte efêmera, arte *povera*, dentre outras, implicam na exploração sensorial das possibilidades artísticas, bem como em uma desterritorialização. “Derrubar paredes” para se pensar a arte em um campo expandido, que recorre à memória afetiva para a sensibilização e a estesia das crianças e jovens, põe os corpos em movimento, as mentes em profusão de pensamentos e ações, em narrativas, falas, enunciados diversos, rompendo com os modos de docilização de corpos e de uma educação fragmentada.

No entanto, como conter isso em espaços e processos altamente disciplinarizadores, que objetiva corpos dóceis? Ora, se o corpo “[...] é agente construtor de significados e de



conhecimentos sensíveis” (FREIRE, 2006), como manter os corpos parados, imóveis dentro das salas e dos muros das escolas?

Propor uma arte conectada com a vida faz os sujeitos pensarem, chegarem a próprias conclusões, posicionarem-se criticamente e a questionarem. Isso é contemporâneo? Isso faz parte do contexto da arte? Tem a ver com ruptura? Com resistência?

Inferimos que sim, pois acreditamos em corpos potentes, encarnados, inconclusos, que participam, interagem com os objetos da arte, e neles deixam suas marcas, suas impressões, suas culturas. É que buscam, em seus processos criativos, fazer experimentações e produzir sentidos nas relações, ou seja, atitudes transformadoras que trazem como proposição continuar aprendendo como forma de resistência e de renovação por meio da arte, que afirma a vida com seus diferentes e diversos modos e linguagens de ocupar o mundo.

A pluralidade de linguagens que abarcam o ensino da arte contemporânea implica necessariamente um incômodo político social, pois faz com que os sujeitos repensem seus atos em um contexto micro e macropolítico. Potencializem seus corpos, sua corporalidade, suas identidades suas relações com o outro e com a natureza, valorizem suas raízes, suas memórias fazendo do tempo seu grande aliado para deslocar observadores (espectadores) para outros lugares alterando alguns posicionamentos e os retirando de suas zonas de conforto. E ainda, provocando-os a parar, a romper com o imediatismo, com a falta de tempo, e a criar situações para que os corpos diminuam seus ritmos até parar, para assim, gastar o tempo ociosamente, sem pressa, com paciência.

Esses aspectos nos levam a fruir, a sentir e experimentar a arte, pois ela nos “[...] provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem pré-estabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e se organizar no mundo” (CANTON, 2009b, p. 12).

Decerto, “[...] um ensino da arte contemporâneo não parece ser tão difícil, haja vista que convoca corpo-todo para a experimentação, para a estesia no seu mais completo modo de ser tocado, atravessado, tomado por todos os sentidos” (BARBOZA; GÓES; ROCHA, 2019, p. 2).



Além das questões acima pontuadas, podemos dizer que existem várias outras que interferem diretamente na inserção de um ensino contemporâneo de arte nas escolas, que vão desde as micropolíticas – relações com os pares, do tempo das discussões democráticas e dialógicas, da qualidade que é dada a esse tempo, do respeito e importância que é dado ao ensino da arte – até as macropolíticas, nas quais já não se propõe uma discussão horizontalizada, mas uma normativa, um discurso hegemônico, verticalizado e muitas vezes compulsório, que impulsiona a uma perspectiva colonizadora e diretiva, que define e regula modos de ser e estar professor de arte.

Nesse sentido o professor não é convocado a se inscrever responsabilmente e ainda se envolver a partir de uma corresponsabilidade ética, social e política, ficando assim, à mercê de fazer cumprir ações educativas, propostas metodológicas para o ensino da arte pensado por “outros” e materializado nos livros didáticos, cabendo-lhe apenas a realizar, o “exercício da capatazia” (GERALDI, 1990, p. 160).

III. DAS APROXIMAÇÕES PARA SE PENSAR O ENSINO CONTEMPORÂNEO DA ARTE

Importa-nos, então, aproximar os espaços educativos aos sistemas da arte para criar possibilidades de ambos repensarem seus públicos, seus modos de resistir e de fazer proposições e mediações que dialoguem, especificamente, com a arte contemporânea para um ensino contemporâneo da arte.

Hernandez (2007) propõe que a visão da escola ultrapasse seus muros, para que as crianças e jovens possam conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura, e ainda, que as atividades ligadas à arte extrapolem os diferentes espaços-tempos. Promovendo, assim, um ensino intercultural e rompendo com a perspectiva colonial que atravessa cotidianamente o ensino da arte nas escolas, uma vez que as escolas ainda continuam centradas em um ensino de arte formalista, de cunho objetivista, estruturalista e descontextualizado.

Segundo Hernandez (2007, p. 37), nesses “lugares” culturais é que meninos e meninas encontram suas referências para construir suas experiências de subjetividade, por isso precisamos aproximá-las das imagens de todas as culturas, educando-as para a diversidade.



Finalizamos então, recorrendo a Cocchiarele (2006, p. 66) para pensar que “[...] a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são os novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer”.

Relações estas que constituem os sujeitos com suas singularidades e os provocam – ao se envolverem com a arte – a desconstruírem suas certezas, refutarem suas teorias e a pensarem novas possibilidades de aproximação da arte contemporânea para um ensino contemporâneo de arte, o que nos leva a inferir sobre a impossibilidade de não articulação das categorias arte e vida como uma proposição contemporânea de resistência, de se pensar, fazer e viver a arte na sua complexidade e singularidade.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOZA, Helena Pereira. GÓES, Margarete Sacht. ROCHA, Julia. **Entrelaços: cruzando fios entre o Bispo do Rosário e as crianças**. Anais do XVII Colartes, 2019.

CANTON, Kátia. **Da política às micropolíticas** - Coleção Temas da Arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. **Corpo, identidade e erotismo** - Coleção Temas da Arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009b.

CERIBELI, Maria Cláudia Bachion. **Projeto a voz da comunidade - arte que promove inclusão**. Anais do XVII Colartes, 2019.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2006.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Zahar. Ed., 2006.

GERALDI, João Wanderley. Texto: um problema para o exercício da capatazia. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 153-161, março de 1990.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ROCHA, Julia. SOUZA, AnyKarolinyWutke. MARTINS, Isabela Vieira. **Sobre corpos e micropolíticas: arte contemporânea para crianças**. Anais do XVII Colartes, 2019.

TEIXEIRA, Mariana Sperandio. LEMKER, Andréia Salvador. **Desenhando e observando: desafios no ensino da arte**. Anais do XVII Colartes, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Imaginação e a Arte na Infância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.